

AUSTIN RATING/AGOSTINI: PAÍS SE DISTANCIA DA LANTERNA NO RANKING GLOBAL/PIB, MAS NÃO GARANTE INVESTIMENTO

Por Mariana Durão, Daniela Amorim e Vinicius Neder

AE NEWS - Rio, 03/12/2020 - O ranking internacional de desempenho da atividade econômica do terceiro trimestre retrata mais uma vez o sincronismo com que a pandemia da covid-19 afetou a economia global. Enquanto no segundo trimestre a tabela veio quase toda em vermelho, agora ela mostra uma reação generalizada do Produto Interno Bruto (PIB) dos países ao fundo do poço detonado pela doença. A exceção mais uma vez é a China, onde o novo coronavírus se instalou primeiro, assim como a recuperação econômica.

Na comparação na margem, o Brasil ficou no 25º lugar no ranking do terceiro trimestre de 2020, composto por 51 países. Segundo os dados divulgados nesta quinta-feira pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o País cresceu 7,7% ante o segundo trimestre do ano. O **economista-chefe da Austin Rating, Alex Agostini**, responsável pelo levantamento desde 2008, destaca que o Brasil vem galgando posições e hoje está no meio da tabela, deixando para trás os tempos de lanterninha, o que é positivo, mas insuficiente para ganhar a corrida da atração de investimentos.

“O Brasil fez a lição de casa necessária para amenizar os efeitos da pandemia”, diz citando medidas como o auxílio emergencial - que ajudou a elevar o consumo das famílias no último trimestre - e a redução dos juros pelo Banco Central. “Infelizmente não vai ser possível reverter a queda do primeiro semestre, por isso prevemos uma queda de 4,2% do PIB em 2020”, afirma. O boletim Focus, que reúne estimativas de mercado fala em recuo de 4,5%.

O economista estende a análise às demais economias listadas no ranking. E lembra que pelas projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI) para um grupo de 60 países apenas China, Taiwan e Vietnã vão fechar o ano com a economia no azul. Para 2021 a média geral esperada de crescimento do PIB nessas nações é de 5% e a global de 5,2%. “Nossa projeção para o PIB brasileiro é de alta de 3,3% no ano que vem, ou seja, estamos muito longe da média do mundo. Precisa melhorar”, diz.

Agostini acredita que estar posicionado no meio do ranking está longe de ser o ideal em termos de atração de investimento e aponta que o País ainda sofre com problemas domésticos antigos, como a questão fiscal. A correção fiscal é vista como crucial para que o País possa aproveitar, na mesma proporção que outros emergentes, a onda positiva gerada pela vitória do Democrata Joe Biden à presidência dos Estados Unidos e a perspectiva de uma vacina para a covid-19. “Mas ao invés de discutir essa correção o Brasil sequer aprovou no Congresso o orçamento para 2021”, observa.

Os três primeiros lugares do levantamento são ocupados por Tunísia (19,8%), França (18,7%) e Malásia (18,2%). Em seguida vêm Espanha (+16,7%) e Itália (+15,9%) fortemente atingidas pela covid-19 no início do ano e depois por uma segunda onda da doença. Já a lanterna do ranking vem ocupada por Arábia Saudita (1,2%) e Coreia do Sul (2,1%).

A China aparece no 48º lugar no ranking, com um crescimento de apenas 2,7% no trimestre. Esse resultado, entretanto, decorre do fato de que o gigante asiático é o único país do mundo onde a crise começou antes - epicentro da pandemia, a China registrou o tombo na economia no primeiro trimestre, enquanto o segundo já foi de recuperação.

O crescimento da economia brasileira ficou abaixo da média geral do ranking (+8,4%) e acima da média dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), de crescimento de 5,2%. O cálculo não engloba, entretanto, os resultados de Rússia e Índia, não divulgados.